



Anais da Assembléia

Nº 034

CURITIBA, QUINTA-FEIRA, EM 11 DE ABRIL DE 1991

ANO XVII

1.^a SESSÃO LEGISLATIVA DA 12.^a LEGISLATURA
ATA DA SESSÃO SOLENE DESTINADA A OUTORGA
DE TÍTULO DE CIDADANIA BENEMÉRITA DO PARA-
NÁ AO ENGENHEIRO ALEXANDRE FONTANA BELTRÃO
REALIZADA EM 11 DE ABRIL DE 1991.
(QUINTA-FEIRA)

Presidência do Senhor Deputado Anibal Khury, secretariada pelos Senhores Deputados João Arruda e Ademar Traiano.

As quinze horas é registrada a presença dos seguintes Senhores Deputados: Anibal Khury, Algaci Túlio, Heinz Herwig, João Arruda, Ademar Traiano, Dalton Machuca, Lourenço Fregonese, Albino Corazza, Alceu Swarowski, Antônio Annibelli, Arlindo Troian, Basílio Zanusso, Carlos Simões, Cleiton Kielse, Cezar Silvestri, Colombino Grassano, Costenaro Neto, Dirceu Manfrinato, Dobrandino da Silva, Domingos Carvalho, Doutor Rosinha, Duílio Genari, Durval Amaral, Edson Silva Lino, Élio Rusch, Emília Belinati, Erondy Silvério, Ernani Pudell, Eurides Moura, Geraldo Cartário, Hermas Brandão, João Iensen, João Preis, José Afonso Júnior, José Artur Ritti, José Tavares, Luiz Antonio Setti, Luiz Carlos Alborghetti, Luiz Carlos Martins, Mário Bezerra, Neivo Beraldin, Nelson Garcia, Nelson Justus, Nilton Barbosa, Nilton César Servo, Orlando Pessuti, Ovídio Constantino, Paulo Maia, Plauto Miró Guimarães, Rafael Greca de Macedo, Renato Adur, Rossoni, Severino Félix e Toti Colaço, presentes ainda inúmeras autoridades e demais convidados.

O SR. PRESIDENTE (Anibal Khury) - Sob a proteção de Deus, declaro aberta a

SESSÃO SOLENE.

Convido o Deputado Eurides Moura para prestar o Juramento Constitucional, tendo em vista a renúncia do Deputado Artagão de Mattos Leão.

O SR. EURIDES MOURA - Prometo guardar a Constituição Federal e a Estadual, desempenhar lealmente o mandato que me foi confiado pelo povo paranaense e promover o bem do nosso Estado (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (Anibal Khury) - Declaro empossado no cargo de Deputado Estadual, o Deputado Eurides Moura.

Suspendo a sessão por alguns minutos para receber o nosso homenageado e as autoridades que foram convidadas.

O SR. PRESIDENTE (Anibal Khury) - Sob a

proteção de Deus declaro aberta a presente sessão.

Designo comissão composta por Suas Excelências os Senhores Deputados Nelson Garcia, Antonio Toti Colaço, José Tavares e Geraldo Cartário para que acompanhem até o recinto deste Plenário, o Excelentíssimo Senhor Caíto Quintana, Chefe da Casa Civil, representante de Sua Excelência, o Senhor Governador Roberto Requião, bem como o ilustre homenageado Alexandre Beltrão e ainda o nosso sempre Governador Jayme Canet Júnior.

Suspendo a sessão por alguns instantes.

O SR. PRESIDENTE (Anibal Khury) - Está reaberta a sessão solene.

A finalidade de proceder a entrega de Título de Cidadania Benemerita do Estado do Paraná ao Engenheiro Alexandre Fontana Beltrão, em decorrência de proposição de autoria do Deputado Rafael Greca de Macedo, aprovada pela unanimidade desta Casa, a qual convertida em Lei, tomou o n. 9.334.

Com satisfação anunciamos a composição da Mesa: Deputado Caíto Quintana, Chefe da Casa Civil, representando Sua Excelência o Senhor Governador Roberto Requião, que se encontra adoentado; Excelentíssimo Senhor sempre Governador Jayme Canet Júnior; Excelentíssimo Senhor Alexandre Fontana Beltrão; Excelentíssimo Senhor Deputado Algaci Túlio, Vice Prefeito de Curitiba, representando o Senhor Jaime Lerner; Deputado João Batista Arruda, 1º Secretário; Deputado Ademar Traiano, 2º Secretário; e, Conselheiro João Fedder, representante do Tribunal de Contas.

Convido os presentes a ouvirem o Hino Nacional, que será executado pela Banda de Música da Polícia Militar do Estado do Paraná.

(É executado o Hino).

Solicito ao Senhor 1º Secretário João Batista Arruda, que proceda à leitura dos termos do Diploma.

O SR. 1º SECRETÁRIO - (João Arruda) (Lê):
"República Federativa do Brasil Estado do Paraná; título de Cidadão Benemerito.

Os poderes constituídos do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições legais, de conformidade com a Lei n. 9.334, sancionada em 12.7.1990, resolve: ao Excelentíssimo Senhor Alexandre Fontana Beltrão, o Título de Cidadão Benemerito do Estado

do Paraná, para o que, mandaram conferir o presente Diploma.

Assinado Deputado Presidente Anibal Khury, Presidente da Assembléia Legislativa: Roberto Requião de Mello e Silva, Governador do Estado do Paraná; Desembargador Luiz Renato Pedroso, Presidente do Tribunal de Justiça;

Curitiba, 11 de abril de 1991.

O SR. PRESIDENTE - (Anibal Khury) Convido S. Exa. o Senhor Caíto Quintana - Secretário Chefe da Casa Civil - Representante de S.Exa. o Senhor Roberto Requião, Governador do Estado do Paraná, para que proceda à entrega do diploma do ilustre homenageado.

(É feita a entrega do diploma)

O SR. PRESIDENTE - (Anibal Khury) Tenho a satisfação de conceder a palavra a S.Exa. o Senhor Deputado Rafael Greca de Macedo, para que profira sua alocução ao homenageado, em nome do Poder Legislativo.

O SR. RAFAEL GRECA DE MACEDO - Senhor Presidente, Deputado Anibal Khury; Senhor ex-Governador Jayme Canet Júnior; Sr. vice-prefeito da nossa Curitiba, Deputado Algaci Túlio, fraterno amigo, neste ato representando outro amigo nosso, que por estar a caminho de São Paulo para receber um título de "honoris causa" de uma universidade paulista, não pode estar presente a esta solenidade, o nosso Prefeito Jaime Lerner; Senhor Conselheiro João Feder; Senhores Deputados, Membros da Mesa Executiva; Senhores Pares meus; Nobre colega, Chefe da Casa Civil, Deputado Caíto Quintana, neste ato representando o Senhor Governador; bom amigo Alex Beltrão; caros amigos Eduardo e Ana Emília; minhas senhoras e meus senhores paranaenses; o que nós fazemos hoje é um ato de justiça.

Poucos homens públicos do nosso tempo foram tão superlativamente beneméritos como é o nosso sementeiro do Paraná moderno, o nosso homenageado, Alex Beltrão. Sua vida pública não conheceu a medida da mesquinha ou a medida da mediocridade. Tiveram sempre as suas mãos largas de sementeiro, a medida fidalga e generosa, do coração e da mente, capaz de pensar grande.

E não poderia ser diferente. Bisneto do Barão do Cerro Azul, neto do Desembargador e Deputado Francisco Machado da Cunha Beltrão e do Comendador Fontana, filho do nosso saudoso Prefeito, o Engenheiro Beltrão, que empresta o seu nome à Cidade importante do nosso Estado, e sobrinho do Francisco Beltrão, que dá o seu nome à cidade-marco do Sudoeste, Alex soube aproveitar as lições do berço e viu a vida com a medida generosa dos horizontes do Para-

ná.

Os horizontes que começam onde nasce o sol, no dorso do mar que balança, lá nos contrafortes do Superagui, aonde se atracam as barcas, no cais do Porto de Paranguá. Os horizontes que prosseguem, se revelando nas três gargantas que abrem os espaços amplos destes campos de Curitiba, a do Itupava, a do Arraial e da Graciosa, forjando este grande planalto aonde nasce o Rio, que nasce onde nós nascemos: o nosso Rio Iguaçu.

Os horizontes que se alargam nos campos gerais. E depois se alargam mais e mais, na terra das searas, no País dos semeadores, a Noroeste, a Norte, a Nordeste, a Sudoeste, até se resumirem todos na amplitude generosa do Rio Paraná, que corre o seu curso imemorial, em poucos interrompido pela Usina que calou as Sete Quedas.

Fiz esta descrição dos horizontes do Paraná, porque quero, caro amigo Alexandre Beltrão, este elogio com cheiro e com tempero de terra. Terra meia molhada, de pó vermelho amainado pelo orvalho, que fez desabrochar cada flor de café. Terra sulcada pelos arados incansáveis de todos os pioneiros que amassaram o barro e o pó de todos os caminhos deste Estado de lavradores. Terra capaz de se fazer compreender, e pelo poder da reflexão nós criamos o mundo! Terra capaz de se fazer compreender e afirmar na História deste País e deste mundo!

Os brasileiros, em geral, e os paranaenses, em particular, vamos cansados de sermos medidos com a medida da mediocridade! No limiar da conferência ecológica de 1991 a integração absoluta do norte com o norte, da metrópole americana com a metrópole européia, com a metrópole japonesa, faz esquecer o sul. E, de repente parece que o mundo nos olha como os habitantes exóticos de um horto florestal. Uma economia periférica, num País de futuro permanentemente adiado. Ao Brasil a humilhação, o opróbrio, a ponto das próprias pessoas, que vivemos aqui no Brasil, já não confiarmos em nós mesmos!

Vai daí que ressaltar a trajetória, pela narrativa, pelo título, pela memória de uma vida como a de Alexandre Beltrão, tem o efeito salutar de realçar as potencialidades da nossa terra, da nossa gente, da nossa inteligência!

Não é preciso ser mesquinho, não é preciso ser medíocre, não é preciso usar as medidas da propaganda de todos os totalitarismos para se construir uma vida pública! Enquanto houver homens como Alexandre Beltrão será possível fazer a vida como quis o poeta no seu verso imortal:

"A vida é um pesadelo, mas há que se revogar o pesadelo da vida pelo trabalho

criativo".

"É o trabalho criativo que tira da vida as sombras do pesadelo e transforma no sonho bom e coletivo capaz de iluminar a História."

Vamos juntos, vamos nesta História que ilumina a nossa História. Tudo começou em 1924, num mês de abril quando aqui em Curitiba nasceu o Alexandre Fontana Beltrão.

As primeiras letras cumpriu no grupo escolar anexo à Escola Normal, o ginásio no Santa Maria e o preparatório universitário no Ginásio Paranaense, escola de excelência, no tempo em que não se humilhava, nem escolas, nem professores. A engenharia, feita primeiro na nossa Universidade, capaz de habilitá-lo depois para cursar o Politécnico de São Paulo. Em plena guerra o estudante participava da obra de construção do Aeroporto Afonso Pena, e a revista do diretório acadêmico da nossa escola apresenta um primeiro trabalho: - A seleção de locais e métodos para a construção dos aeroportos.

De 44 a 46 trabalha na fábrica de Curitiba, do Exército Nacional, auxiliando na tarefa de construir viaturas e pontes móveis. É o tempo que conhece o Capitão Ney Braga, que viria ser o nosso Governador transformador, do início dos anos 60.

Depois da guerra segue para a França a Inglaterra onde faz um curso de planejamento econômico. Em 54 funda a SPL, Serviço de Planejamento, a sua empresa, com sede no Rio, São Paulo, aqui e no Nordeste. Até 60 faz diversos trabalhos de assessoramento ao Governo do Estado, com o então engenheiro Pedro Viriato Parigot de Souza, mente privilegiada, mentor da COPEL, da nossa cidade industrial, de quase toda a política energética que ainda se pratica neste Estado, exercendo o poder de maneira a possibilitar aos moços o espaço para a transformação.

E aí começa o sementeiro Alexandre Beltrão a trabalhar de maneira criativa pensando grande! Realiza o estudo para o aproveitamento hidrelétrico do Rio Paranaíba. Toda a província energética entre o Paraná e São Paulo começa a ser aproveitada a partir das luzes que surgem de suas idéias gerais. Faz análise econômica para aproveitamento do carvão das entranhas da terra, da Serra de São Jerônimo, com a criação da termoelétrica. Faz um estudo econômico que origina o financiamento da Capivari-Cachoeira.

Vem o poder do primeiro Governo Ney Braga. Alex prepara o plano de desenvolvimento do Paraná que acaba sendo enviado a Ponta del Este. Sai da província, ganha foros internacionais. Instrui o Programa Internacional da Aliança para o Progresso. E a sementeira não pára mais.

Prossegue generosa com os estudos de

análise para problemas de reequipamento para o Porto de Paranaguá. Com o embrião do sistema de planejamento do Estado, com o plano de reequipamento da Secretaria de Agricultura, que resultou na Cafe do Paraná, Companhia Agropecuária de Fomento Econômico, hoje sucedida pela Codapar, responsável pela política de produção de sementes, pela instalação de postos de revenda de insumos, pelos serviços de mecanização da agricultura.

Vem o projeto que ajuda a criação da CODEPAR. Com a sua implantação como embrião do nosso BADEP, que agora se exaure em lamentável episódio de liquidação. Que não lhe tira o mérito de instrumento promotor de desenvolvimento, capaz de mudar o perfil econômico deste Estado. Antes do BADEP éramos uma economia periférica de São Paulo. Depois do BADEP somos um Estado industrial. Com a Cidade Industrial de Curitiba e muitas outras.

Somos um Estado moderno. Do BADEP, da CODEPAR, ancestral do BADEP, nascem idéias importantíssimas, como por exemplo o Plano de Urbanização de Curitiba que revelaria, à cidade e ao mundo, o nosso Prefeito, o urbanista Jaime Lerner; a Cidade Industrial e tantos outros planos renovadores.

E ainda da generosa sementeira vem mais frutos. Vem a idéia da FUNDEPAR, o admirável instrumento capaz de suprir de material permanente mais de três mil escolas estaduais; de distribuir merenda escolar para quase dois milhões de crianças; de criar suprimento de material para quase doze mil estabelecimentos de ensino.

Os anos 60 são os anos da florada do café. O tempo generoso das cidades que se faziam em 30, em 40, em 50, em 100 dias. O Paraná era o maior "País" produtor de café do mundo! O Paraná era um País! E o nosso sementeiro, sem saber, definiu seus rumos de futuro, escrevendo sobre o Paraná e a economia cafeeira e indo a Nova Iorque à Conferência das Nações Unidas, defender o nosso País e o nosso Paraná, como observador e testemunha da conferência internacional que deu origem ao Acordo Internacional do Café.

O café revela Alexandre Beltrão e rouba ao Paraná Alexandre Fontana Beltrão. Em 64, feito Consultor do Dr. Leônidas Bório no IBC, em 65 ele vai chefiar o escritório do IBC em Nova Iorque e acaba eleito Presidente do Bureau Panamericano de Café e Presidente do Comitê Mundial de Promoção do Café. Desde 68 é Diretor Executivo da Organização Internacional do Café, eleito e reeleito por 77 países.

Mas as névoas de Londres... não se fazem névoas do nada para o nosso Paraná. Mesmo lá, na sua casa em Slone Square, ele pensa, diuturnamente, no nosso Estado. Quanta vez lá de passagem, viajante, tive

sempre o direito a intermináveis lições da nossa História, da nossa Geografia, da nossa Economia e do nosso planejamento e, sobretudo, da nossa estratégia de futuro. Lá, em Londres, Alex viabilizou os dois grandes entendimentos que ajudaram a fazer o Paraná moderno. O terminal graneleiro do Porto de Paranaguá e o Instituto Agrônomo do Paraná, com sede em Londrina.

Quando todos, mesquinhos, pensavam em aumentar a produção roubando ao Brasil mais área, vem o pensamento moderno de esquecer que o País é superlativo em territorialidade e de se criar aumento de produção pelo aumento de produtividade através da pesquisa tecnológica. A OIC investiu aqui criando o IAPAR com três pólos regionais, dezessete estações experimentais, trinta e três estações meteorológicas. O IAPAR equipou, ampliou e diversificou as nossas searas. Hoje, o Estado é o primeiro produtor nacional de trigo, de feijão, de milho, de rami, de centeio e até de casulo com os quais se trança o fio da seda; o segundo de cevada, de aveia, de batata e de soja. O café já não é mais líder, mas o semeador, que brotou da cepa do café, foi capaz de apontar os novos caminhos. No entanto, infelizmente, não basta o elogio, o panegírico, a memória do fundador para que prossiga a boa obra; é preciso trabalho incansável, energia criativa. Senhores Deputados, é preciso vontade política para pensar grande, pensar forte, pensar do tamanho do Paraná e do tamanho do Brasil!

O IAPAR está pedindo socorro; não vai ferido de morte como o BADEP sob prego de agonia, mas vai pedindo socorro. No espaço destinado a mudar o campo pela criatividade hoje bate a aflição, bate a avareza. O número de pesquisadores, durante todos os anos 80, praticamente estagnou e os investimentos estaduais na instituição já não conhecem a generosa mão larga de semeador também, por exemplo, de um Governador Jayme Canet Júnior. Gasta-se hoje 0,5% do valor bruto da produção. Qualquer País desenvolvido gasta até 3% nas pesquisas e no desenvolvimento tecnológico, 3% do valor da produção para produzir mais, para fazer melhor.

Tomara, Alex Beltrão, o Paraná siga o seu exemplo benemérito na prática de poder do governo que se inicia e na prática de poder de todos os governos das gerações futuras dos nossos filhos e dos filhos dos nossos filhos.

Eu conversava ontem com ele, com o nosso homenageado, e essa é uma confiança para o Plenário, sobre esse ar de decadência que bafeja as nossas instituições, o BADEP, o IAPAR, a própria essência do processo criativo no setor público brasileiro, e ele me dizia, com a sua ironia

britânica já, o seguinte: "Há em Londres peças de teatro com dois anos de duração e já são um sucesso. As coisas que nós semeamos duraram pelo menos trinta e, portanto, me tornam satisfeito". Mas, se satisfaz o Paraná; quer mais e quer melhor; quer que a vida de um Alexandre Beltrão, sequência brilhante e benemérita, instrua o exercício da cidadania, o exercício da política, funde aqui uma política nova, toda ela como se fosse um convite ao futuro, um convite com tecido de esperança, com a novidade do broto do café na terra boa, uma política que seja o permanente convite de se revogar o pesadelo da vida, transformando a realidade.

Viva por muitos anos mais, pelo nosso Paraná, o espírito criativo e empreendedor do nosso homenageado, mas sobremaneira, paire nesta terra esta idéia de que nunca é demais pensar grande quando se pensa um sonho coletivo, porque isso é um sonho bom.

Muito obrigado.

(PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (Anibal Khury) - Concedo a palavra ao nosso homenageado, Engenheiro Alexandre Beltrão.

O SR. ALEXANDRE FONTANA BELTRÃO - Excelentíssimo Senhor Anibal Khury, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor ex-Governador, Jayme Canet;

Excelentíssimo Senhor representante do Governador do Estado do Paraná, Roberto Requião;

Senhor representante do Prefeito desta Capital, Jaime Lerner;

Demais autoridades;

Minhas Senhoras e meus Senhores.

(Lê): "Nos últimos vinte e cinco anos venho discursando em diferentes partes do mundo, em diferentes línguas sobre temas ligados ao Café. É parte do meu trabalho como Diretor da Organização Internacional do Café.

Hoje, é tudo diferente - esta homenagem e esta cerimônia abrem a oportunidade para um balanço muito pessoal de minhas relações com o Paraná e sua gente... minha gente, no percurso de uma vida já longa.

Buscando ligar fatos e pessoas em uma trama coerente, arrisquei-me nos últimos dias no terreno autobiográfico do depoimento histórico.

O quadro que emerge é claramente uma visão pessoal, impressionista e certamente incompleta. Eu o registrei neste discurso tendo em vista o interesse geral para mim do desenvolvimento paranaense e com esperança de que adicione algo à memória de tantos amigos.

Minha percepção do espaço paranaense toma forma nos anos 30 e 40.

Meu pai, o engenheiro Alexandre Beltrão buscava ao mudar-se para Londrina e depois para Ibiporã, executar sonhos e idéias concebidas em anos anteriores: conduzir de forma ordenada a ocupação de áreas de terras devolutas através de planejamento prévio, demarcação de lotes e projetos de centros urbanos.

Menino de Curitiba, imbuído de experiências muito locais em que os engenhos de erva mate de meu avô Fido Fontana e as serrarias de pinheiros balisavam o universo econômico, sentia-me, nas visitas a Londrina e Ibiporã, em país estranho com gente diferente da minha, diante de um processo desbravador, que embora admirável, gerava angústia e a percepção de que rapidamente se criavam dois Paranás. O Paraná de Curitiba com clima temperado estrativista, industrial e exportador, e o Paraná bandeirante desbravador rumo ao oeste, representado por Londrina, Ibiporã e tantas outras cidades em projeto. Este dualismo, muito cedo marcou meu quadro de relações familiares. De um lado os Beltrão tradicionalmente engenheiros comprometidos com a ocupação do Estado, de outro os Fontana, os Leão, baluartes da indústria exportadora. O tempo dilui as diferenças mas na memória do menino elas permanecem nítidas.

Ainda hoje normalmente, percorro com meu pai em Ibiporã clareiras lineares abertas na floresta com plaquetas indicando nomes de futuras ruas: recorro especialmente entre borboletas e cobras, a placa "Rua Curitiba". Sinto que recebi ali o batismo e o compromisso de trabalhar por um Estado do Paraná integrado e unificado. Mais tarde constatei o quanto meu pai perseguiu este objetivo durante toda a sua vida, refletindo o enorme potencial de energia e progresso que resultaria da fusão desses dois Paranás. O mesmo ocorria no Sul em Clevelândia, Pato Branco e Francisco Beltrão, para onde se deslocou no fim da vida meu querido tio Chico Beltrão me perseguia o mesmo sonho.

Os historiadores do Paraná discutem o impacto da decisão de venda de terras devolutas a grupos ingleses, organizadores da "Paraná Plantation", posteriormente, Companhia de Terras do Norte do Paraná. Esta audaciosa operação conduzida no início dos anos 20 marcou profundamente o futuro do Estado. Ela é para mim uma decisão louvável dos políticos e técnicos da época, orientada para integração do Estado e refletindo o temor da ocupação caótica da região, na forma anteriormente ocorrida em São Paulo na expansão cafeeira. Buscava-se ordenar a ocupação do território, através de estímulo de culturas alternativas; es-

pecialmente no caso dos ingleses a busca era expandir o algodão além da implantação de uma infra-estrutura ferroviária ligando Ourinhos a Londrina e esta a Curitiba e Paranaguá, como parte no contrato e responsabilidade da "Paraná Plantation".

O ímpeto da ocupação dos novos territórios do Norte do Paraná e o modelo político foram alterados pela depressão econômica mundial de 1929 e pela ascensão de Getúlio Vargas em 1930. No Paraná iniciava-se o governo do gaúcho Manoel Ribas. Cabe a ele em quadro de crise levar à frente a integração Norte-Sul ao fazer construir rodovia do Cerne ligando Londrina a Ponta Grossa e Curitiba.

A Economia Paranaense e a ocupação do território sofrem os impactos de uma crise que se estende ao final da guerra em 1945. A penetração de novas áreas em ritmo lento, porém ordenado está na origem da explosão produtiva dos anos 50 e 60. Ela também levou a uma percepção tardia das carências de infra-estruturas criando sérios problemas a governos subsequentes.

Alguns números mostram a dimensão do problema: entre os anos 30 e 40 o Paraná produziu menos de um milhão de sacas de café. A alta internacional de preços iniciada em 1948 e atingindo seu ponto mais alto em 1953 leva a corrida de plantio e a uma produção de 20 milhões de sacas em 1959; isto com altos e baixos em consequência de geadas devastadoras em 1948 e 1955.

A oscilação era tão acentuada que em 1958 o Paraná só produziu 2 milhões de sacas e em 1960 salta para 20 milhões de sacas, quase metade do consumo dos países importadores. O milho, complemento do café, oscila sua produção de maneira idêntica e gera também excedentes.

Este quadro caótico de produções, instáveis e crescente acompanhado de completa ausência de capacidade armazenadora, e de transporte inclusive de instalações portuárias aliada à lentidão da máquina administrativa governamental, estão na origem dos imensos desafios, os governos estaduais dos anos 60.

O período da guerra de 1942 a 1945 marcou profundamente o meu futuro profissional, como enfatizou o Deputado Rafael Greca, ao dar indicações do meu passado. Eu participei de um estágio na construção do aeroporto Afonso Pena, sob direção técnica do exército americano como parte do esforço de defesa do hemisfério sul, me propiciou uma exibição de técnicas até então desconhecidas em nossas plagas, com utilização de bulldozers e caterpillars, tratores, motoniveladoras, além de técnicas novas de pavimentação. Tais obras abriam um mundo novo a um estudante neófito. E muito me influenciaram.

O chamamento de oficiais da reserva durante a guerra levou-me ao convívio com o Exército, inicialmente no Regimento de Artilharia sediado em Curitiba, onde recebi instruções do então capitão Ney Braga. Posteriormente, na fábrica do Exército plantada no centro de Curitiba, na praça Ouvidor Pardinho, tomei contato com equipamentos modernos e tecnologias novas e dali surgiu oportunidade de completar os estudos de Engenharia na Escola Politécnica de São Paulo - trabalhando no Instituto de Pesquisas Tecnológicas e na Associação Brasileira de Cimento Portland. Nesta aventura de traslado para São Paulo, acompanhou-me Alaor Prata Martins, o amigo de sempre.

Segue-se um período de 2 anos na Europa talvez influenciado pela personalidade irrequieta de Zequinha - o da bala Zequinha e os da minha geração se lembrarão muito bem da coleção - o nosso herói dos tempos de infância - a coleção continua e eu vou expandindo os chapéus de profissões novas. Ao retornar ao Brasil em 1952 trazia uma bagagem de estudos em campos correlatos com a engenharia e economia, sociologia, urbanismo, aquilo que se chamava na época de "Planejamento Regional" pelos ingleses e "Organização do Território" pelos franceses. Tratava-se de definir a ação do Governo em matéria de regulamentação e alocação de investimentos, usando métodos de controle, projeto a projeto, ao invés de meras alocações orçamentárias sem clara coordenação e definição de objetivos e auditoria de execução.

Trabalhei dois anos com a Companhia Brasileira de Engenharia, responsável por projetos e planos que levaram à estruturação da CEMIG - Companhia de Eletricidade de Minas Gerais (Governo Kubitscheck e Lucas Lopes), projetos visando a expansão de Eletricidade na região do Baixo São Francisco (CHESF) e Plano de Eletrificação do Estado de São Paulo (Governos Lucas Garcês e Jânio Quadros).

Em 1957 retomo contato com o Paraná. Nosso saudoso amigo Pedro Parigot era Diretor Técnico da COPEL no Governo de Adolfo Oliveira Franco. A crise energética era terrível no Paraná. Pior, aqui, obras mínimas como Cotia I e II não atendiam, havia racionamento por toda parte, inclusive em Curitiba. Eu havia criado no Rio de Janeiro uma Empresa própria: SPL Serviços de Planejamento em sociedade com Américo Barbosa de Oliveira, que hoje aqui está conosco, Jesus Soares Pereira, Pompeu Aciolly Netto e Moacir Paixão. A SPL é contratada por Parigot para estudar a participação do Estado do Paraná em Associação com o Estado de São Paulo, nas obras de aproveitamento do rio Paranapanema (Juru-Mirim, Itararé/Xavantes de Salto Grande

etc.) e para analisar o potencial do uso de carvão de Figueira para gerar energia elétrica, posteriormente utilizado como usina térmica.

Nos anos que se seguem, a SPL vai expandir suas atividades em projetos de desenvolvimento regional no Nordeste - abrimos escritório no Ceará, Pernambuco e Bahia - e na preparação de projetos industriais ligados às metas do Presidente Juscelino Kubitscheck. Desta forma, nós homens de empresa privada, seguíamos o mercado - a equipe cresceu em experiência e diversidade de disciplinas; a ela se juntam Zacarias Sá Carvalho, Luís Carlos Leme, Antônio Monte e muitos outros.

Em 1960 o acaso me leva a reencontrar o amigo Ney Braga. Ex-militar e meu ex-professor de tiro, ex-prefeito de Curitiba. Era então Governador do Paraná já há um ano. Discutimos o Paraná. Era clara a necessidade de inversões públicas, mas não parecia favorável o quadro político. Os Governos Jânio depois João Goulart não se mostravam parceiros federais sensíveis às urgências do Paraná. O Nordeste através da SUDENE, a complementação da infra-estrutura de Brasília e a continuação de metas setoriais absorviam recursos disponíveis. A pressão visando compras de café e seu armazenamento colocavam o Paraná em posição de "desorganizador" inesperado da economia agrícola por drenar fortemente as linhas de crédito da agricultura. A mensagem Federal ao Paraná era simples: vire-se sozinho.

O primeiro passo resultante do nosso encontro em São Paulo foi a minha vinda a Curitiba (sem ônus para o Estado) para ajudar na coordenação de um memorial solicitado pelo Itamaraty e destinado ao projeto "Aliança para o Progresso" de iniciativa do Presidente Kennedy. O Governo deveria apresentar solicitação de ajuda externa.

Dada a urgência da tarefa, o Governador Ney Braga convocou uma reunião de secretariado num domingo para apresentar-me e discutir o documento. Estavam presentes Parigot de Souza, Afonso Camargo, Alípio Ayres, Paulo Pimentel, Saul Raiz, Algacyr Guimarães e todos os outros Secretários. Tínhamos cinco dias para preparar o documento. Repartimos as tarefas e avaliámos para cada setor os recursos necessários nos 4 anos restantes de governo; estimámos os recursos disponíveis e o déficit a cobrir. Ficou claro que o Estado somente dispunha de menos 30% das necessidades. Com a ajuda do saudoso Miranda Ramos terminamos o trabalho no final da mesma semana. Voei no DC-3 do Governo do Estado conduzindo para o Rio de Janeiro várias cópias do pomposo documento, orgulho de qualquer amante de planos no papel.

Segue-se um contrato através da COPEL para que as equipes de SPL preparem quatro projetos: 1) equipamento do Porto de Paranaguá; 2) Usina Capivari-Cachoeira - os dois destinados a solicitar recursos ao Governo Federal; 3) estruturação do PLADEP, órgão dirigido pelo Coronel Alípio Ayres, responsável pelo planejamento do Estado e 4) estruturação dos serviços da Secretaria de Agricultura sob o comando de Paulo Pimentel.

Resultou deste último a criação da "Companhia Agrícola e Fomento Econômico do Paraná" - a "CAFE DO PARANÁ".

A tramitação do projeto de lei em tempo record contou com a operosidade e conhecida eficiência do atual presidente da Casa, nosso anfitrião o Deputado Anibal Khury - então Secretário da Assembléia. A "CAFE" passou imediatamente a racionalizar a distribuição de semente de algodão em convênio com a Agrocere, a operar serviços de patrulhas mecanizadas, tratores e colhedoras importadas pelo Governo Lúcio bem como a distribuição por venda financiada de novilhos de raça.

O primeiro presidente da Companhia e novo membro da equipe de Ney Braga foi Jayme Canet.

Chegamos àquilo que os franceses chamariam de "piece de resistance" - a criação da Companhia de Desenvolvimento do Paraná - CODEPAR. Constatado o difícil acesso a recursos externos cabia rever a opção sobrando: coleta de recursos adicionais no Estado.

Em resumo, aumentar imposto de vendas e consignações. As dificuldades eram grandes, dada a minoria do governo na Assembléia e a oposição das Associações de Classes Produtoras. E a especial ojeriza a aumentos de impostos que todos os setores da população sempre têm em relação a idéias desta natureza.

Argumento Central: os recursos adicionais seriam utilizados para expansão do custo salarial da máquina de Governo. O aumento de imposto colocaria o Paraná em condições desfavoráveis de competição com Estados vizinhos, especialmente São Paulo, etc.

Com a cooperação da equipe do Rio (Zacaria de Sá Carvalho, Américo Barbosa de Oliveira, Paulo e Newton Rodrigues, Newton Ramalho, Thomaz Raposo de Almeida e com apoio de inúmeros técnicos locais) - das equipes de Alípio Ayres e de Algacyr Guimarães entramos na tarefa de preparar o projeto de lei. Foi solicitada a opinião jurídica de Accioly Filho, Vieira Neto e Rubens Requião. Não faltou a contínua participação de Ney Braga consultado diariamente. Elaboramos um complexo projeto de lei incorporando instrumentos inovadores em certos aspectos de questionável legali-

dade quando usados parâmetros legais vigentes na época. Hoje as coisas são bem diversas. Mas, inovar em matéria de coleta de recursos em forma de empréstimos, gestão de companhias administradoras, alocação de recursos e financiamento, plano de carência para o setor privado, alocação de recursos para estudos e pesquisa, alocação e obrigação dos setores do Governo de apresentarem projetos e justificarem perante uma autoridade independente a validade dos mesmos, eram novidades inesperadas e desconhecidas.

Esta matéria está bem documentada pelos vários trabalhos que se fizeram posteriormente e não vou me estender sobre ela.

O projeto de lei antes encaminhado à Assembléia foi objeto de debates, esclarecimentos e ajustes em reuniões internas das equipes de governo, reuniões com Associação Comercial presidida por José Luiz Guerra Rego, reuniões com a bancada do PTB representada por Amaury Silva, Leo de Almeida Neves e Luiz Alberto Dalcanalle.

A discussão para aprovação do projeto de lei por esta Assembléia, o início de recolhimento de fundos e a instalação da CODEPAR ocorreram em período muito curto. O impacto de recursos novos aplicados de forma ordenada passaram a impor parâmetros novos de disciplina, nas inversões com calendários de implantação, aferição de resultados e controle de execução.

Na primeira diretoria da CODEPAR participaram Afonso Camargo, Maurício Shulmann. Posteriormente Afonso passou à Secretaria do Interior e Justiça e foi substituído por Leônidas Bório, aqui presente. Dos recrutas de primeira hora, todos passando por testes duros, estavam Karlos Rischbieter, Michel Woelner, posteriormente estavam muitos outros que a memória me falha, mas que constituem a estrutura básica que posteriormente levou a CODEPAR a ser um modelo de gestão financeira e modelo para outros órgãos do País.

Como tarefas que se seguiram, como bem indicou o Deputado Greca, preparei um documento que Ney Braga, acompanhado de Leônidas Bório, levou ao Presidente Kennedy: é um resumo dos projetos da época. A seguir dediquei tempo a pesquisar a economia do café e preparei com a cooperação de Zacarias e Luiz Carlos Lemme o relatório denominado "O Paraná e a Economia Cafeeira". O estudo me levou a Nova York em 1962 como membro da Delegação Brasileira participante das negociações do Acordo Internacional do Café - e que teve lugar na sede das Nações Unidas, na qualidade de observador, representando o Governador do Paraná. Lá estreitei laços de amizade com o saudoso Coronel Paula Soares então Presi-

dente da Junta Executiva do IBC e com Nelson Maculan, Senador pelo Paraná, observador representando o Senado Federal.

Leônidas Bório assumiu a Presidência do IBC em 1964 no Governo Castelo Branco por proposta de Ney Braga.

Atuei como consultor e coordenador de equipe de estudos. Lá estavam Karlos Rieschbieter, Abílio Abreu, Sigurd Schindler, José Alcindo Rittes com reforços de muitos outros técnicos, profissionais e jornalistas, Pedro Gomes, Walter Fontoura, Nahum Sirotsky e muitos outros.

Implementamos políticas de diversificação no IBC, de enorme relevância para o Paraná, gerando muita controvérsia na época.

A política de erradicação de cafezais geados mediante compensação financeira em forma de créditos liberados com compromisso de inversão em lavouras alternativas, especialmente soja ou trigo, tornou-se possível porque foi baseada em pesquisas do IRI, Instituto ligado a Fundação Rockefeller, e conduzidos na Fazenda Ubatuba em Apucarana, propriedade de nosso colaborador e amigo Sigurd Schindler.

Foram aceleradas através desses programas a realocação de terras e avançada a integração das duas culturas: de um lado as lavouras brancas de clima temperado (soja, trigo e milho) e, de outro, as lavouras tropicais, especialmente café.

A penosa corrida às reservas naturais chegara ao fim; iniciava-se a etapa de consolidação, adição de valor ao produto, a integração agroindustrial, a criação de indústrias novas e a expansão de serviços. Nela continuamos hoje.

Em 1970, já Diretor Executivo da OIC, assinei contrato com o Governo Brasileiro alocando recursos para compra de equipamentos que viabilizaram o IAPAR - Instituto de Pesquisas Agropecuárias do Paraná, sediado em Londrina, obra concebida por João Ribeiro, então Diretor do IBC e apoiada por Parigot de Souza, então Governador do Estado, Maurício Schulmann, Secretário da Fazenda e Karlos Rieschbieter, então Presidente do BADEP, antiga CODEPAR, atuaram com entusiasmo neste projeto de enorme relevância para o Estado. Também estendemos financiamento ao equipamento do Porto de Paranaguá como porto graneleiro.

Nestes anos de 1960 a 1973 - um quadro contínuo de técnicos agrupados em torno de Parigot de Souza, Ney Braga e apoiados por especialistas de SPL e de outras firmas consultoras de sistemática singela, mas efetiva de coordenação de investimentos sob comando regional em linha com prioridades nacionais e oportunidades internacionais.

A análise do papel do Governo Estadual

como gestor de inversões públicas nos últimos 30 anos e especialmente a evolução recente da experiência paranaense, neste campo, é matéria que reputo de extremo relevo para a formulação de estratégia futura. Centrado em preocupações sócio-econômicas procuro não descurar da alegria de ver nosso Paraná evoluir culturalmente, abrir portas às artes e cultivar a história e tradições.

Ver que a criação técnica e artística florescem paralelamente em todo o Estado é motivo de entusiasmo para todos nós.

Quando acompanhei Ennio Marques Ferreira e Eduardo Rocha Virmond na fundação do Museu de Arte do Paraná, já esperava o sucesso do desenvolvimento artístico paranaense, com valores de vulto como Carlos Eduardo Zimmermann, Júlio Peckmann, Oscar Mueller e Lubomir Ficinski Dunin, que depois apareceram no cenário paranaense, no campo das artes.

No mundo do café em que penetrei tão fundo e que me conduz a países e regiões as mais distantes e variadas do planeta, o Paraná, inicialmente central, ocupa hoje um lugar periférico.

Para muitos, esta é a consequência do sucesso da diversificação da economia.

Para outros, o quadro é reversível e o Paraná terá ainda papel relevante na constelação cafeeira. É matéria para análise que se insere na fala e discussão sobre o café, mas foge do contexto deste discurso. Fica anotado para abordagens futuras.

A Curitiba de minha juventude, mistura de imagens tristes e memórias doces está sempre comigo.

Nelas circulam meu pai tão querido, tão bom mestre, meu avô Fido Fontana, inventivo e otimista, tios e primos mais velhos, todos contribuindo para o afeto que tenho pelo Paraná: Ivo Leão, Chico Beltrão, Gabriel Veiga, Flávio Lacerda, Haroldo, Francisco, Alceu e Duílio Beltrão, Afonso e Flávio Fontana, Augusto Pernetta, Idílio Sardemberge.

Entre os primos e amigos que já não estão conosco, Ucho, Ivinho, Nuno e Luís Carlos Leão, Agílio Macedo e Egon Müeller, Leônidas, Narciso, Joaquim Vicente de Castro, Davi e Newton Carneiro, Bento Munhoz da Rocha, Pretextato Taborda, Acioly Filho e Alberto Costa, são os que vêm à memória entre os muitos amigos que perdi e que formaram muito à minha juventude.

A imagem forte das mulheres também está presente, minhas boas tias Maria, Laura, Estela, Leonor, Elisa, Lolita, Zilla e Ziloah, Inês, complementaram a minha educação de jovem que perdeu a mãe muito cedo.

Entre outros recordo também Franchete

é seus pais, Claro Alves, Rubens Faria, Levy Pacheco, Fernando Mendes, Augusto e Renato Mocelin, Mário Romani, a prima Nory Bley, Tio Ulisses Medeiros, Tio Gilberto.

É uma cadeia interminável de nomes evocando memórias ricas. Eles compõem o caleidoscópio da minha vida.

Sem a sua rica contribuição e de outros caros amigos aqui presentes eu não estaria credenciado para receber esse tributo.

Ao Deputado Rafael Greca agradeço a iniciativa desta homenagem. Brilhante como se pôde ver pelo seu inspirado discurso, bondoso, ao me proporcionar e tomar a iniciativa desta homenagem, e competente, Rafael espelha idéias de gerações novas. A ele e à Margarita, o meu muito obrigado.

Este Estado é hoje um complexo de forças, problemas, tensões e oportunidades que não alcanço sintetizar. Ele tem imagem forte. É jovem e inquieto; um Paraná que o Governador Roberto Requião e as gerações novas herdam dos beneméritos de ontem e de hoje. Estou seguro que de igual carinho e amor continuará a guiar suas ações. Curitiba, cidade cada vez mais feminina e invejada está em mãos dedicadas de Jaime Lerner e sua equipe, que estou seguro, com ciúme e zelo a manterá em bom caminho.

O projeto Paraná enfrentará desafios novos, típicos dos tempos atuais. Um processo de interdependência, integração e competição exige agora tratamento internacionalizado da problemática regional. Progredirão as economias eficientes, sejam regionais ou nacionais.

Elas terão concentrado energia em prioridades modernas voltadas mais e mais para o homem em sua dualidade de produtor e consumidor, para a eficiência e qualidade de produtos, de um lado, e qualidade de vida, de outro.

Mais e mais desenvolvimento econômico, sinônimo de emprego e melhor distribuição de renda. Mais e mais evolução social decorrerá de processo democrático autêntico.

O quadro internacional, especialmente no mundo em desenvolvimento é desalentador.

As poucas exceções representadas pelos chamados tigres asiáticos apenas confirmam a regra: a interdependência fruto de evolução tecnológica e crescimento demográfico clamam por solidariedade e cooperação internacional crescente. Cabe resistir a formação de blocos, estimular comércio e intercâmbio.

Para tanto, a tarefa primordial está em criar organismos, regionais, nacionais e internacionais que coordenem e estimulem estes processos. Creio firmemente que es-

tas diretrizes de solidariedade e cooperação internacionais são o único caminho à frente. Elas compatibilizam competição e mercado livre, com interesse geral. Elas estimulam a ordenada busca de eficiência dentro de parâmetros de respeito, a regras de aceitação coletiva.

É visão pessoal que sinto adequada a presente problemática cafeeira, e relevante a estratégia de desenvolvimento paranaense.

O meu amor pelo Paraná, é o amor tenso, participante e engajado. Ele se insere e complementa a minha brasilidade intensa. São sentimentos que não esmorecem com a distância - ao contrário, crescem sempre. Sentimentos que partilham comigo minha mulher, Anna Emília, também filha dessa terra e meus filhos Eduardo e Sandra que fazem curso de "paranismo" por correspondência ou a prestação quando aqui vem.

Sr. Presidente, a boa sorte de ter nascido paranaense adiciono agora o prazer e a honra de ser agraciado com o título de cidadão benemérito deste Estado. Sou um cidadão de sorte dupla.

A todos de coração, muito obrigado.

(Palmas).

O SR. PRESIDENTE (Anibal Khury) - A Mesa quer agradecer as autoridades aqui presentes, que nos deram a honra e comparecer a esta solenidade e dizer da nossa alegria e da nossa felicidade de prestar esta homenagem ao Sr. Alexandre Beltrão, que me proporcionou condições para que na época Deputado Estadual apresentasse o projeto da criação da CAFE DO PARANÁ.

A grandeza e a dimensão desta homenagem, além de tantas outras personalidades, está na presença do Governador Jayme Canet Júnior; do Dr. Félix de Almeida; do Ministro Carlos Reischbieter; do ex-Prefeito Saul Raiz, e do pioneiro do jornalismo no Norte do Paraná João Milanês.

Vossa Excelência, nosso querido homenageado, está de parabéns. Eu convido a Comissão anteriormente designada, para que acompanhe Dr. Alexandre Beltrão, Deputado Caíto Quintana, representante de Sua Excelência o Governador do Estado e o ex-Governador Jayme Canet, ao salão nobre desta Casa, onde o nosso homenageado receberá os cumprimentos. Antes de encerrar a sessão, nós ouviremos o Hino do Estado do Paraná, após o que estará encerrada a presente sessão.

(É executado o Hino).

Levanta-se a sessão.